

DEVAGAR E SEMPRE, COM FÉ EM DEUS: EVANGÉLICOS CEARENSES NOS CENSOS DEMOGRÁFICOS

1. Dez anos depois, enfim uma análise

Quando da divulgação pelo IBGE do Censo Demográfico 2000, sociólogos, antropólogos e teólogos debruçaram-se sobre seus números e imediatamente puseram-se a escrever sobre a recomposição global do campo religioso brasileiro. Uníssonos proclamaram em jornais, revistas e livros que a identidade religiosa nacional estava em transição e que sua sintomatologia podia ser verificada a partir de seis tendências apontadas pelos dados colhidos nos últimos censos, a saber: a persistente perda de adeptos por parte do catolicismo; encolhimento das religiões afro-brasileiras, particularmente a umbanda; diminuição das igrejas evangélicas de missão, à exceção dos batistas; a crescente pentecostalização do protestantismo; a diversificação religiosa ou de práticas e crenças de fundo religioso e o expressivo crescimento do

MAURÍCIO RUSSO*

GLEDSON RIBEIRO DE OLIVEIRA**

RESUMO

Neste artigo aferimos e analisamos algumas tendências implícitas nos dados dos Censos de 1872 a 2000, relativos às religiões evangélica e católica no estado do Ceará, comparando sempre que possível com dados nacionais e regionais. Trabalhamos com informações que permitem quantificar o crescimento evangélico no estado, o período de maior e menor expansão, confrontando os resultados com os números do catolicismo. Além disso, observamos as cidades e microrregiões com maior e menor presença de evangélicos, considerando sexo e idade, bem como as denominações que mais arrebanham fiéis.

Palavras-chave: censos demográficos, evangélicos de missão, evangélicos pentecostais, católicos.

ABSTRACT

In this article we intend to appraise and to analyze some implicit trends in the data of the censuses from 1872 to 2000 that concern to the evangelical and catholic religion in the state of Ceará (Northeast of Brazil), comparing whenever possible with national and regional data. We work with informations that allow quantifying the evangelical growth in the state, the period of greater and smaller expansion, confronting the results in dialogue with the numbers of the Catholicism. Moreover, we observe the cities and micro-regions of greater and smaller evangelical presence, the gender and age, as well as the denominations that more gather up believers.

Keywords: demographics censuses, evangelical's mission, Charismatic/Pentecostal Christians, Catholics.

* Mestre em Sociologia (UFRGS). Doutorando em Sociologia (UFC), pesquisador do grupo de pesquisa Violência e Cidadania da UFRGS/IFHC e pesquisador convidado do Laboratório de Estudos da Violência (UFC).

** Mestre em História (UFPE). Doutorando em Sociologia (UFC), pesquisador do Núcleo de Estudos de Religião, Cultura e Política (NERPO). Membro do Instituto Praeservare – preservação do patrimônio cultural.

percentual dos “sem religião”.

Os sinais dessa recomposição foram enunciados pela primeira vez, ainda em 1973, quando Cândido Procópio Camargo e sua equipe concluíram haver uma tendência geral nos Censos de 1940 a 1960 de “declínio moderado, mas constante, de adeptos da Igreja Católica” e de perda de fiéis, desde os anos 1930, no interior do protestantismo histórico em “benefício dos pentecostais” (CAMARGO, 1973: 24). Trinta anos depois, no artigo “Bye bye, Brasil - o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000”, Flávio Pierucci (2004b) deu ‘adeus’ a qualquer esforço interpretativo que não tivesse como horizonte teórico a pós-tradiconalização do campo religioso, ou seja, que não ponderasse sobre o hiperdimensionamento da oferta e da autonomia de escolha religiosa e a consequente perda por parte das religiões tradicionais do monopólio na produção, distribuição e consumo dos bens de salvação¹.

Ante essa crise de transmissão das religiosidades tradicionais, um “vazio simbólico” se fez grande o bastante para ser preenchido por novas religiões e crenças, seja no interior de antigas tradições como a católica (Renovação Carismática) e a protestante (Neopentecostais) ou com os chamados ‘Novos Movimentos Religiosos’². Vazio simbólico que é produto da mesma modernidade que solapara as bases do sistema religioso tradicional (HERVIEU-LÉRGER, 2005)³ e que hoje favorece o que podemos chamar de espetáculo das religiões e crenças no tempo presente.

Destarte, nove anos depois, o que podemos apreender sobre o mosaico religioso cearense, em particular sobre a dinâmica de evangélicos e católicos nos censos? De intensidades e qualidades diferentes, o rearranjo global do religioso se dá sempre em chão sócio-histórico diverso, sendo importante que as conclusões sobre as tendências nacionais ou regionais no interior do campo religioso sejam colocadas à prova pela análise dos processos reais locais⁴. É claro que para esse intento há de se levar em conta que a longevidade e a confiabilidade dos censos do IBGE têm seus limites. Ao longo dos 128 anos de recenseamento, a variedade de formas para aferir a ‘opção religiosa’ torna impossível, por exemplo, determinar com precisão a série histórica do crescimento ou decréscimo de alguma outra religião que não a católica romana⁵. Só à medida que a qualidade dos dados nos permitiu é que foi possível fazer a ‘abertura’ dos itens⁶.

Interessa-nos, para fins deste artigo, estabelecer comparações entre evangélicos e católicos, em âmbitos nacional, regional e estadual, aferindo e analisando o crescimento das igrejas evangélicas, sua distribuição espacial pelo estado, e os indicadores sociais de seus adeptos (gênero, escolaridade, remuneração e cor). Enfim, chegou o tempo - tardio é verdade - de uma inflexão sobre os números do campo religioso cearense.

2. Evangélicos cearenses: o local em contexto nacional

No século passado, muito se fez para tornar realidade o desejo das igrejas evangélicas de converter o ‘Brasil para Cristo’. Uma rápida olhada nas pesquisas sobre os censos das últimas décadas é suficiente para perceber que isto não se confirmou e nem se confirmará em médio prazo. Todavia, a concorrência entre os agentes católicos e evangélicos pelo monopólio do mercado religioso no último século contribuiu para alterar demograficamente a distribuição religiosa da população. Quando surgiu pela primeira vez o item ‘protestantes’ no Censo de 1890, estes contabilizavam 143.743 fiéis em todo o Brasil, distribuídos entre anglicanos, luteranos, metodistas, congregacionais, episcopais, presbiterianos e batistas⁷. Um salto de ‘zero’, em 1872, para 1% da população nacional (Tabela 1).

Tabela 1 – Porcentagem da população segundo a religião (Brasil 1872 - 2000)

Ano	Católicos	Evangélicos	Outras Religiões	Sem Religião	Outras Declarações ⁽¹⁾
1872*	97.93	0.00	0.27	0.00	1.80
1890*	98.92	1.00	0.02	0.05	0.00
1940	95.01	2.61	1.93	0.21	0.25
1950	93.48	3.39	2.37	0.53	0.23
1960	93.07	4.02	2.35	0.50	0.05
1970	91.77	5.17	2.29	0.75	0.01
1980	88.96	6.63	2.53	1.64	0.24
1991	82.96	8.98	2.91	4.73	0.41
2000	73.57	15.41	3.22	7.35	0.44

Fonte: Censos IBGE. (1) “Outras Declarações” incluem: “De religião não declarada” (1940), “Sem declaração de religião” (1950), “Sem declaração” (1960, 1970 e 1980), “Não determinada, mal definida ou sem declaração” (1991) e “Não determinadas e Sem declaração” (2000). Obs. Devido ao atraso no Censo de 1991, o período entre 1980 e 1991 é de onze anos e o período entre 1991 e 2000 é de nove anos. Elaboração dos autores.

No mesmo Censo, no Ceará, registraram-se os ‘respeitáveis’ 526 filiados da empresa missionária presbiteriana⁸, ultrapassando a segunda maior religião estadual, a positivista⁹, e deixando em terceiro no Censo de 1900 os “sem religião e sem declaração” que somavam 238 pessoas¹⁰. A baixa propensão ao proselitismo por parte de anglicanos e luteranos

proporcionou até 1914, quando foi criada a primeira Igreja Assembleia de Deus, no Ceará, que os presbiterianos fossem agentes sem concorrentes do proselitismo protestante local, arrebanhando em dezoito anos de pregação (Tabela 2) a ‘bagatela’ de 0.07% de uma população de maioria absoluta católica (99.90%)¹¹.

Tabela 2 – Porcentagem da população segundo a religião (Ceará 1872 - 2000)

Ano	Católicos	Evangélicos	Outras Religiões	Sem Religião	Outras Declarações ⁽¹⁾
1872*	99.99	0.00	0.01	0.00	0.00
1890*	99.90	0.07	0.01	0.00	0.03
1900*	97.09	0.07	0.02	0.00	2.83
1940	99.39	0.32	0.18	0.05	0.06
1950	98.66	0.71	0.25	0.20	0.18
1960	98.64	0.90	0.26	0.19	0.01
1970	97.80	1.58	0.27	0.34	0.00
1980	96.66	2.07	0.49	0.54	0.24
1991	92.80	3.95	0.97	2.10	0.17
2000	86.55	8.25	1.19	3.77	0.24

Fonte: Censos IBGE. (1) “Outras Declarações” incluem: “De religião não declarada” (1940), “Sem declaração de religião” (1950), “Sem declaração” (1960, 1970 e 1980), “Não determinada, mal definida ou sem declaração” (1991) e “Não determinadas e Sem declaração” (2000). Obs. Devido ao atraso no Censo de 1991, o período entre 1980 e 1991 é de onze anos e o período entre 1991 e 2000 é de nove anos. Elaboração dos autores.

Observando as porcentagens nacionais (tabela 1), vê-se que, em 1940, os católicos somavam 95.01% da população, caindo trinta anos depois para o patamar de 91.77%, intensificando a tendência de queda no Censo de 1991, ao chegar aos 82.96%. Em trajetória inversa à do catolicismo, os evangélicos no Brasil passaram de 2.61% em 1940 para 5.17% em 1970, aumentando a porcentagem de adeptos para 8.98% da população no Censo de 1991. No Ceará, em 1940, eles eram 0.32% da população (6.794), evoluindo para 1.58% no Censo de 1970 (69.083) e alcançando 3.96% em 1991 (252.133). No limiar do ano 2000, o censo de evangélicos no Brasil indicava que estes haviam alcançado os surpreendentes 15.41% da população do país (26.184.941 fiéis), sendo deste total 612.847 de evangélicos cearenses (8.25%).

Examinando mais de perto a série católica (Tabela 1), na passagem de um declínio lento nos censos de 1890 a 1940 para um declínio médio e constante nos censos de 1940 a 2000, a perda de 21.44

pontos percentuais nos últimos sessenta anos confirmou a tendência das religiões demograficamente majoritárias e culturalmente hegemônicas em perderem adeptos¹². A perda de fiéis católicos não implica que há uma mudança religiosa no Brasil e muito menos que esta seja igual de região para região e de estado para estado. As diferenças regionais e estaduais permanecem, neste caso, definidoras da velocidade de declínio do catolicismo. Por exemplo, argumenta-se em verso e prosa – e com razão – que a contribuição cearense à tendência de declínio ainda é tímida, já que o estado é o 2º com maior número de católicos do país, atrás apenas do Piauí (89.83%), e, historicamente, faz parte de uma região de difícil penetração de outras religiões e crenças que não a majoritária. Porém, a taxa média geométrica decenal que aponta o aumento ou diminuição no ritmo de crescimento católico desde 1940 (Tabela 3) segue declinando, a exemplo da taxa nacional (Tabela 4).

Tabela 3 - Taxa média geométrica decenal (%) da população residente (Brasil 1940-2000)*

Ano	Católicos	Evangélicos	Outras Religiões	Sem Religião	Outras Declarações
1940-1950	23.94	63.88	55.01	214.02	35.14
1950-1960	34.54	60.37	33.85	28.94	-74.95
1960-1970	30.83	70.45	29.44	98.44	-61.31
1970-1980	23.85	63.79	41.17	178.34	-
1980-1991	15.07	67.25	41.85	255.65	98.88
1991-2000	2.60	98.53	28.20	79.84	24.43

Fonte: Censos IBGE. (1) “Outras Declarações” incluem: “De religião não declarada” (1940), “Sem declaração de religião” (1950), “Sem declaração” (1960, 1970 e 1980), “Não determinada, mal definida ou sem declaração” (1991) e “Não determinadas e Sem declaração” (2000). Obs. Devido ao atraso no Censo de 1991, o período entre 1980 e 1991 é de onze anos e o período entre 1991 e 2000 é de nove anos. Elaboração dos autores.

Se comparada à de outros estados da Federação, nos últimos dois decênios, observa-se uma desaceleração mais lenta do crescimento: de 15.59% (1980-1991) para 8.86% (1991-2000); sendo, porém, ainda acima da taxa média nacional que, no mesmo

período, chegou ao patamar dos 15.07% ‘despencando’ para 2.60%, a pior média católica de crescimento do século. Nacionalmente, os católicos chegaram ao patamar dos 80% da população ainda no Censo de 1980, enquanto o estado cearense só alcançou essa

porcentagem no Censo de 2000. Foi necessário esperar vinte anos para se fazer sentir os efeitos nacionais de declínio no campo cearense¹³. Na região Nordeste

(Tabela 5), só a Bahia aproximou-se da média nacional com 74% de católicos.

Tabela 4 - Taxa média geométrica decenal (%) da população residente (Ceará 1940-2000)*

Ano	Católicos	Evangélicos	Outras Religiões	Sem Religião	Outras Declarações ⁽¹⁾
1940-1950	27.96	182.01	79.61	439.66	270.78
1950-1960	22.02	55.25	24.48	15.33	-90.95
1960-1970	31.46	132.25	40.61	141.49	-65.52
1970-1980	19.83	144.73	120.24	89.83	-
1980-1991	15.59	49.13	135.99	367.67	-14.89
1991-2000	8.86	143.06	29.15	109.84	71.11

Fonte: Censos IBGE. (1) “Outras Declarações” incluem: “De religião não declarada” (1940), “Sem declaração de religião” (1950), “Sem declaração” (1960, 1970 e 1980), “Não determinada, mal definida ou sem declaração” (1991) e “Não determinadas e Sem declaração” (2000). Obs. Devido ao atraso no Censo de 1991, o período entre 1980 e 1991 é de onze anos e o período entre 1991 e 2000 é de nove anos. Elaboração dos autores.

Tabela 5 - Porcentagem da população, segundo a religião, por Estados do Nordeste (2000)

Religião	PI	CE	PB	RN	SE	MA	AL	PE	BA
Católica	89.83	86.55	84.89	83.58	82.33	82.16	79.70	74.52	74.00
Evang. Missão	1.29	1.41	2.65	1.73	2.59	2.82	1.54	3.86	4.10
Evang. Pentecostais	4.45	6.24	5.44	6.72	4.31	8.23	7.10	9.08	6.59
Outras Evangélicas	0.49	0.97	0.98	0.85	0.63	0.83	0.69	1.00	0.83
Outras Religiões	0.98	1.21	0.95	1.31	1.95	1.19	1.06	2.15	3.34
Sem religião	3.05	3.77	5.15	5.99	8.18	5.00	9.80	9.46	11.39
Outras Declarações ⁽¹⁾	0.20	0.24	0.23	0.29	0.36	0.27	0.46	0.39	0.35

Fonte: Censos IBGE. (1) “Outras Declarações” incluem: “Não determinadas e Sem declaração” (2000). Elaboração dos autores.

A dificuldade dos evangélicos em ampliar seus adeptos em estados como o Ceará já foi explicada pela bricolagem entre cultura popular e catolicismo, pelo catolicismo ser uma tradição religiosa e não uma escolha ou ato de conversão, pelo consenso em torno de seus símbolos, pela estrutura mais organizada e eficiente em reproduzir seu imaginário e em conter os avanços de outras religiões, por sua ‘natureza’ penitencial – no interior – ter enraizado fortes sentimentos de pertença e identidade na população, ou mesmo pelo fato de as curas e os exorcismos serem oferecidos há séculos, antes dos evangélicos pentecostais (CAMURÇA, 2000; LOPES, 1999). Hipóteses

e teses à parte, o debate permanece em aberto, e como assevera Regina Novaes, com uma única ‘certeza’: independentes da região ou estado em questão são os “católicos não-praticantes” que estão se desfiliando¹⁴.

Até que se demonstre o contrário, a desaceleração na taxa média católica fez do item ‘sem religião’ o destino privilegiado dos que entram em trânsito religioso¹⁵. Em terras alencarinhas, ele aparece como a terceira opção mais freqüente entre as respostas, desde o Censo de 1970 – 3.77% da população (280.280 pessoas). Ou seja, duas vezes maior que a soma dos percentuais alusivos a outras religiões; embora, ainda bem abaixo do percentual correspondente ao mesmo

item, na Bahia (11.39%) e nos dois estados do Brasil em que foi a segunda opção mais declarada no Censo de 2000, à frente dos evangélicos: Sergipe (8.18%) e Alagoas (9.80%)¹⁶.

Nacionalmente, os sem religião, no Censo de 1991, ultrapassaram as porcentagens do item 'outras religiões', configurando-se, aí, aquilo que Thomas Luckmann (*apud* CAMURÇA, 2006) definira como a "religião invisível", crescendo em 2000 para 7.35% da população. Já as porcentagens evangélicas, objeto que nos interessa, parecem confirmar que as estratégias que visam conservar e aumentar o reconhecimento social das igrejas evangélicas de missão¹⁷, e das igrejas do pentecostalismo clássico, neoclássico e neopentecostal¹⁸ foram mais bem que malsucedidas, possibilitando agregarem, por década de Censo, um ponto percentual da população brasileira ao item 'evangélicos'.

As taxas médias nacionais das igrejas evangélicas (Tabela 3) se mantiveram constantes nos decênios de 1940-1950 (63.88%) e 1950-1960 (60.37%), crescendo para 70.45% em 1960-1970. Já no decênio de 1970-1980, oscilaram para baixo (63.79%), recuperando-se em 1980-1991 (67.25%), sendo o período de 1991-2000 aquele de maior crescimento, atingindo os 98.53%. Foram iguais ou maiores que o dobro da média católica, sendo 1960-1970 e 1991-2000, marcadamente, os decênios do primeiro e segundo *boom* evangélico¹⁹. Mesmo no Ceará (Tabela 3), a despeito da hegemonia católica e à exceção dos decênios de 1950-1960 (55.25%) e de 1980-1991 (49.13%), a taxa média evangélica foi sempre superior, alcançando três picos de crescimento bem definidos: um no período 1940-1950 (182.01%), outro em 1970-1980 (144.73%), e um último em 1991-2000 (143.06%), o que fez o estado deixar o primeiro lugar no *ranking* católico²⁰.

No último decênio, os evangélicos cresceram mais de 134 pontos percentuais acima da taxa média católica, o que sugere, uma vez mais, e para lembrar Bourdieu, que sua mensagem não só foi bem recebida como conseguiu satisfazer as necessidades religiosas de seus adeptos.

3. Crescendo pela *mão invisível* de Deus²¹

Mas, qual é a tipologia das igrejas que impulsionam essas taxas? 'Abrindo' o item 'evangélicos', e lamentando que somente a partir do Censo de 1980 o IBGE faça a subdivisão em evangélicos de missão²², pentecostais e outras religiões evangélicas, é com o Censo de 1991 que definitivamente ocorre a reviravolta pentecostal no campo religioso nacional (Tabela 6).

Tabela 6 – Porcentagem da população segundo a religião (Brasil 1980 - 2000)

Religião (BR)	1980	1991	2000
Católicos Romanos	88.96	82.96	73.57
Evangélico de Missão	3.38	2.99	4.09
Evangélico Pentecostal	3.25	5.57	10.37
Outras Evangélicas	0.00	0.42	0.95
Outras Religiões	2.53	2.91	3.22
Sem religião	1.64	4.73	7.35
Outras Declarações⁽¹⁾	0.24	0.41	0.44

Fonte: Censos IBGE. 1) “Outras Declarações” incluem: “Sem declaração” (1980), “Não determinada, mal definida ou sem declaração” (1991) e “Não determinadas e Sem declaração” (2000). Elaboração dos autores.

Um crescimento ininterrupto nos Censos de 1980 (3.25%), 1991 (5.57%) e em 2000 (10.37%) caracteriza os evangélicos pentecostais, enquanto as igrejas do tipo missão ‘parecem’ ter declinado 0.39 pontos percentuais em 1991 (2.99%), recuperando-se para 4.09% no último Censo²³. Na esfera regional (Tabela 5), as igrejas pentecostais são a maioria em todos os estados do Nordeste, estando em maior número em Pernambuco (9.08%) e no Maranhão (8.23%), sendo que Sergipe possui a menor porcentagem (4.31%). O fato de Bahia (4.10%) e Pernambuco (3.86%) terem sido os centros irradiadores do protestantismo no Nordeste durante o oitocentos favoreceu para que os evangélicos de missão fossem mais fortes lá que nos

demais estados, mas não chegando a ultrapassar os pentecostais. Também no Ceará os pentecostais são a maioria dos evangélicos, com a quarta porcentagem mais alta do Nordeste (6.24%) e a penúltima posição dentre os evangélicos de ‘missão’ (1.41%). Além da pequena porcentagem de evangélicos de missão, chama atenção o fato de os pentecostais, já no Censo de 1980 – relativo à década de 1970 –, serem mais numerosos que as igrejas de missão. E mais, mesmo que os censos anteriores a 1980 não tragam a subdivisão entre as igrejas, é possível intuir que, pelo menos desde a década de 1960, a maioria dos evangélicos do estado já era formada por pentecostais.

Tabela 7 – Porcentagem da população segundo a religião (Ceará 1980 - 2000)

Religião	1980	1991	2000
Católicos Romanos	96.66	92.80	86.55
Evangélico de Missão	0.68	0.84	1.41
Evangélico Pentecostal	1.39	2.99	6.24
Outras Evangélicas	0.00	0.12	0.60
Outras Religiões	0.49	0.97	1.19
Sem religião	0.54	2.10	3.77
Outras Declarações⁽¹⁾	0.24	0.17	0.24

Fonte: Censos IBGE. (1) “Outras Declarações” incluem: “Sem declaração de religião” (1950), “Sem declaração” (1980), “Não determinada, mal definida ou sem declaração” (1991) e “Não determinadas e Sem declaração” (2000). Elaboração dos autores.

Nos dados Igreja a Igreja, temos uma importante mudança de 1991 para 2000. A Assembléia de Deus teve em números absolutos um acréscimo de 5.978.377 novos fiéis, mais que os 3.167.371 de ‘novos católicos’, tornando-se a maior igreja evangélica

do Brasil. Os batistas mantiveram-se nos dois últimos censos na segunda colocação, com 3.162.694 filiados, seguidos pela Congregação Cristã no Brasil, segunda maior entre as pentecostais e terceira maior dentre as igrejas evangélicas, com 2.489.114.

Tabela 8 - População residente segundo a religião no Brasil em 1991 e 2000

Religião	1991	2000	Taxa de Incremento
Católica Romana	121.812.761	124.980.132	2.53
Assembléia de Deus	2.439.763	8.418.140	71.02
Batista	1.532.676	3.162.694	51.54
Congregação Cristã	1.635.977	2.489.114	34.27
IURD	268.954	2.101.887	87.20
Evang. Quadrangular	303.268	1.318.805	77.00
Adventista	706.409	1.209.841	41.61
Luterana	1.029.691	1.062.146	3.06
Presbiteriana	498.204	981.064	49.22
Deus é Amor	169.340	774.830	78.14
Metodista	138.888	340.963	59.27
Outras Evangélicas	3.844.822	4.325.462	11.11
Outras Religiões	4.892.798	5.476.080	10.65
Sem religião	6.946.236	12.492.403	44.40
Outras Declarações ⁽¹⁾	596.006	741.602	19.63
Total	146.815.793	169.875.163	-

Fonte: Censos IBGE. (1) “Outras Declarações” incluem: “Não determinada, mal definida ou sem declaração” (1991) e “Não determinadas e Sem declaração” (2000). Elaboração dos autores.

Ainda no *ranking* geral nacional, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é a terceira maior igreja pentecostal e a quarta igreja evangélica do Brasil em número de adeptos, possuindo a maior taxa de incremento em nove anos, 87.20%. Os luteranos deixaram a quarta posição, caindo para a sétima, com uma baixa taxa de incremento (3.06%), só menor que a católica. Mesmo com 49.22% de taxa de

incremento, os presbiterianos caíram da sexta posição, em 1991 (498.204), para a oitava, em 2000, possuindo 981.064 filiados. Proporcionalmente, de 1991 a 2000, as igrejas metodistas foram as que apresentaram a maior taxa de incremento dentre as igrejas de missão (59.27%), o que não impediu que permanecessem na décima posição entre as igrejas evangélicas do Brasil, com apenas 340.963 filiados.

Tabela 9 - População residente segundo a religião no Ceará em 1991 e 2000

Religião	1991	2000	Taxa de Incremento
Católica Romana	5.908.273	6.432.000	8.14
Assembléia de Deus	46.772	310.104	84.92
IURD	7.600	65.398	88.38
Batista	24.725	59.896	58.72
Adventista	10.037	22.868	56.11
Congregação Cristã	8.843	21.514	58.90
Deus é Amor	1.340	17.896	92.51
Presbiteriana	8.577	17.644	51.39
Evang. Quadrangular	2.873	13.166	78.18
Metodista	637	1.570	59.43
Luterana	1.589	538	-66.14
Outras Evangélicas	131.292	574.336	77.14
Outras Religiões	69.396	91.818	24.42
Sem religião	133.567	280.280	52.35
Outras Declarações⁽¹⁾	10.589	18.119	41.56
Total	6.366.110	7.431.597	-

Fonte: Censos IBGE. (1) "Outras Declarações" incluem: "Não determinada, mal definida ou sem declaração" (1991) e "Não determinadas e Sem declaração" (2000). Elaboração dos autores.

As tendências nacionais são semelhantes ao que encontramos em âmbito estadual (Tabela 9). A Assembléia de Deus é tanto a maior igreja pentecostal do Ceará como a maior dentre todas as evangélicas, possuindo 310.104 filiados. A segunda maior pentecostal, a IURD, é também a segunda maior do estado, crescendo em números absolutos de 7.600 filiados, em 1991, para 65.398, em 2000; uma taxa de incremento de 88.38%. Esta era a posição antes ocupada pelas igrejas batistas, que agora estão em terceiro lugar, com 59.896 filiados. Entre as pentecostais, a Congregação Cristã, que é a terceira maior do Brasil, cresceu no Ceará, em ritmo menor que a média nacional, caindo da quarta (8.843) para a quinta posição (21.514); e a Igreja Deus é Amor, que em nível nacional está atrás dos presbiterianos, no estado é a quarta igreja (17.896), com uma taxa de incremento de 92.51%. A segunda maior igreja de missão, a Adventista²⁴, é a quarta entre todas as evangélicas, com 22.868 filiados. Chama-nos a atenção o encolhimento dramático dos

luteranos cearenses, que parecem dar sinais de estagnação. Foram os únicos no estado com taxa negativa (-66.14%), perdendo em nove anos 1.051 filiados, dos 1.589 identificados no Censo de 1991. Não se confirmou no Censo de 2000, pelo menos no Ceará, a "vitalidade" do luteranismo observada por Pierre Sanchis (1997) em outros lugares. Apesar da tradição nacional, a igreja luterana chegou ao patamar das menores igrejas do item 'outras evangélicas'.

4. Distribuição espacial e indicadores sociais

Quanto à espacialidade, como os evangélicos estão distribuídos no território cearense? Proporcionalmente ao número de habitantes e, tendo por base o Censo de 2000, os municípios que possuem os maiores números de evangélicos são: Maracanaú (15.46%), Pacatuba (14.67%) Barreira (14.01%), Caucaia (13.70%), Eusébio (13.66%),

Horizonte (13.49%), Paraipaba (12.81%), Fortaleza (12.58%), Parambu (12.45%) e Tauá (11.57%). Já o elenco com maior quantidade de católicos é formado pelos municípios de Alcântaras (98.47%), Cariri (98.32%), Apuiarés (98.13%), Granjeiro (98.09%), Aurora (97.73%), Arneiroz (97.70%), Bela Cruz (97.48%), Araripe (97.28%), Marco (96.97%) e Barro (96.91%). Mesmo por contraste, é possível visualizar a apropriação geograficamente desigual nos mapas 1 e 2 (ao final deste artigo).

As porcentagens de evangélicos são maiores na Região Metropolitana de Fortaleza, em alguns municípios do litoral e nos municípios de Tauá e Parambu (sertão dos Inhamuns) e Penaforte, no extremo sul do Cariri. Em um universo de 184 municípios vinte e seis têm de 9% a 15.46% evangélicos, acima da média estadual (8.25%). Desses, mais de vinte estão na Região Metropolitana e no Litoral Norte, o que parece confirmar a tendência nacional desses espaços serem locais privilegiados da ação das igrejas evangélicas. Já o Cariri e o Centro-sul são as regiões com maiores porcentagens de católicos e presença evangélica apenas simbólica. Por exemplo, 93.80% da população de Juazeiro do Norte é de católicos e apenas 4.48% de evangélicos. No Crato, são 3.15% de evangélicos e 91.70% de católicos. Já em Sobral, a relação é entre 4.75% de evangélicos e 91.26% de católicos. No município de culto a São Francisco de Assis, Canindé, há 94.17% de católicos e 4.44% de evangélicos. Os grandes centros de peregrinação e festas religiosas permanecem quase herméticos à presença evangélica sugerindo, a eficácia da organização e do imaginário católico local.

Há alguma relação entre urbanização e crescimento evangélico? Aferindo uma amostragem dos vinte municípios mais urbanizados (Tabela 10) – respeitando os limites deste estudo –, parece haver

correlação entre os binômios urbanização/evangélicos e catolicismo/interiorização. Onze, dos vinte primeiros municípios da lista, apresentaram porcentagens de evangélicos próximas ou maiores que a média estadual (entre 8% e 15.46%). Assim sendo, à medida que diminui a urbanização dos municípios, diminui a porcentagem de evangélicos. É claro que essa hipótese possui suas exceções. Juazeiro do Norte (4º), Sobral (9º), Crato (13º), Camocim (18º) e Martinópolis (16º) são considerados bem urbanizados e têm baixa presença evangélica.

Tabela 10 - População residente segundo a Urbanização (Ceará - 2000)

Ranking Urbanização	Ranking Evangélico	Ranking Católicos	Município	Evangélicos (%)	Católicos (%)	Urbanização (%)
1°	5°	179°	Eusébio	13.66	79.48	100.00
2°	8°	181°	Fortaleza	12.58	78.56	100.00
3°	1°	184°	Maracanaú	15.46	75.29	99.69
4°	90°	64°	Juazeiro Norte	4.48	93.80	95.33
5°	2°	183°	Pacatuba	14.67	76.11	90.97
6°	20°	173°	Itaitinga	9.83	84.36	90.86
7°	17°	176°	Aquiraz	10.30	83.04	90.43
8°	4°	180°	Caucaia	13.70	78.93	90.26
9°	86°	118°	Sobral	4.75	91.26	86.63
10°	6°	182°	Horizonte	13.49	77.29	83.23
11°	34°	143°	Cascavel	8.17	88.60	83.06
12°	49°	135°	Varjota	7.12	89.16	81.23
13°	139°	110°	Crato	3.15	91.70	80.19
14°	32°	171°	Guaiúba	8.19	84.65	78.51
15°	11°	178°	Pacajus	11.48	80.82	77.83
16°	166°	16°	Martinópolis	2.03	96.48	75.41
17°	13°	174°	Maranguape	11.03	84.06	74.05
18°	84°	159°	Camocim	4.83	86.40	73.37
19°	38°	134°	Iguatú	7.84	89.20	72.84
20°	57°	121°	Orós	6.53	90.91	71.74

Fonte: Censos IBGE. Elaboração dos autores.

A Região Metropolitana de Fortaleza parece fugir à regra, apresentando “uma estrutura intermediária e caracterizada pela significativa presença de católicos também no centro da RM”²⁵. Encontramos exceções, ainda, na relação entre menor urbanização e menor presença evangélica. Se considerarmos a faixa inferior a 50% de urbanização como baixa, teremos um universo de 98 em 184 municípios sendo que nove terão entre 9.52% e 14.01% de evangélicos, o que é acima da média estadual: Paraipaba (87°), Itapiúna (98°), Beberibe (102°), Tururu (105°), Parambu (144°) Barreira (150°), Amontada (153°), Icapuí (170°) e Quiterianópolis (177°).

Deste modo, a que conclusão provisória poderíamos chegar? Que a urbanização explica apenas em parte a maior ou menor presença evangélica. Diante

da imprecisão sobre o que o IBGE considera como ‘urbano’ e ‘rural’²⁶, lembramos que são as cidades com melhores acessos viários, os alvos prioritários da empresa missionária evangélica²⁷. Nelas se concentram os vazios simbólicos, os ‘ouvintes’ suscetíveis à mensagem religiosa e, principalmente, o controle da produção e reprodução do imaginário religioso. É necessário agregar, sempre, o ingrediente sócio-histórico à análise de variantes quantitativas²⁸.

5. Religiões, gênero, cor e rendimentos

A Tabela 11 mostra que a porcentagem de mulheres católicas (73.12%) é sutilmente menor que a de homens católicos (74.04%). A porcentagem de mulheres evangélicas (17.09%) é 3.40% maior que

a de homens (13.69%). De 1940 a 2000, a categoria ‘mulheres católicas’ perdeu 22.05 pontos percentuais e a de ‘homens católicos’, 20.81 pontos. É perceptível que o destino dessas porcentagens foi principalmente o item ‘evangélicos’; porém, entre os homens a indicação do item ‘sem religião’ cresceu mais que entre as mulheres.

Comparando-se as informações das tabelas 11 e 12, observa-se que não há grandes distinções. No Ceará, as católicas mantiveram a vantagem até o Censo de 2000, sendo que o trânsito para outras

opções segue o mesmo padrão de deslocamento nacional: as mulheres predominantemente para as religiões evangélicas e os homens para o item ‘sem religião’. Há uma diferença sutil (2.04%) entre os homens evangélicos (7.20%) e as mulheres evangélicas (9.24%). A mensagem religiosa parece ser sedutora a ambos os gêneros. Neste caso, a exigência da mudança nos padrões culturais de comportamento *do e entre* os dois sexos – contenção da sensualidade, simetria de compromissos etc. – parece ser bem assimilada entre homens e mulheres²⁹.

Tabela 11 – Porcentagem da população segundo a religião e gênero (Brasil 1940 – 2000)

Religião e Sexo	Ano						
	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Homens							
Católicos	94.85	93.30	92.95	91.77	89.19	83.29	74.04
Evangélicos	2.62	3.42	3.97	5.00	6.19	8.08	13.69
Outras Religiões	2.00	2.42	2.38	2.25	2.36	2.58	2.81
Sem religião	0.25	0.66	0.65	0.95	2.04	5.63	9.02
Outras⁽¹⁾ Declarações	0.28	0.21	0.05	0.02	0.23	0.41	0.44
Mulheres							
Católicas	95.17	93.67	93.19	91.76	88.73	82.64	73.12
Evangélicas	2.60	3.36	4.08	5.33	7.06	9.86	17.09
Outras Religiões	1.85	2.32	2.32	2.33	2.69	3.23	3.62
Sem religião	0.17	0.40	0.36	0.56	1.25	3.85	5.74
Outras⁽¹⁾ Declarações	0.21	0.25	0.04	0.01	0.26	0.41	0.44

Fonte: Censos IBGE. (1) “Outras Declarações” incluem: “De religião não declarada” (1940), “Sem declaração de religião” (1950), “Sem declaração” (1960, 1970 e 1980), “Não determinada, mal definida ou sem declaração” (1991) e “Não determinadas e Sem declaração” (2000). Elaboração dos autores.

Tabela 12 – Porcentagem da população segundo a religião e gênero (Ceará 1940 – 2000)

Religião e Sexo	Ano						
	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Homens							
Católicos	99.35	98.60	98.60	97.74	96.67	92.80	86.66
Evangélicos	0.33	0.71	0.89	1.55	1.97	3.55	7.20
Outras Religiões	0.20	0.26	0.27	0.28	0.46	0.88	1.11
Sem religião	0.06	0.26	0.23	0.44	0.69	2.60	4.82
Outras⁽¹⁾ declarações	0.07	0.18	0.01	0.00	0.21	0.16	0.21
Mulheres							
Católicos	99.42	98.72	98.69	97.85	96.65	92.80	86.45
Evangélicos	0.32	0.71	0.91	1.62	2.18	4.34	9.24
Outras Religiões	0.16	0.25	0.25	0.27	0.52	1.05	1.35
Sem religião	0.04	0.14	0.14	0.25	0.40	1.63	2.76
Outras⁽¹⁾ declarações	0.06	0.18	0.01	0.00	0.25	0.18	0.20

Fonte: Censos IBGE. (1) “Outras Declarações” incluem: “De religião não declarada” (1940), “Sem declaração de religião” (1950), “Sem declaração” (1960, 1970 e 1980), “Não determinada, mal definida ou sem declaração” (1991) e “Não determinadas e Sem declaração” (2000). Elaboração dos autores.

Certamente a conclusão de Weber de que as mulheres são especialmente receptivas a movimentos religiosos que contenham aspectos orgiásticos, emocionais ou histéricos explica pouco. É bastante conhecida na história a idéia segundo a qual a atração das mulheres pelo protestantismo, na época da Reforma, associava-se a uma suposta concepção, protestante, de igualdade espiritual entre os sexos e também ao fato de as mulheres encontrarem, ali, uma espécie de convite à atividade intelectual. Avançando sobre a “reserva masculina da teologia”, não é à toa que nas maiores igrejas evangélicas pentecostais algumas das principais atividades são desempenhadas por mulheres³⁰.

Não há qualquer novidade quanto aos indicadores sociais de escolaridade e rendimentos na comparação entre os níveis estadual e nacional. Entre os evangélicos, os de missão possuem as mais altas taxas de estudo (11 a 14 anos) – segundo grau completo e/ou estão nos primeiros anos do ensino de 3º grau; as

menores taxas estão com os pentecostais, (entre 4 e 7 anos), primeiro grau completo.

Tabela 13 – Percentagens de pessoas de 15 anos ou mais de idade, por religião e anos de estudo (Ceará 2000)

Anos de estudo	Católica	Evangélico Missão	Evangélico Pentecostal	Outras Evangélicas	Outras Religiões	Sem religião
Sem instrução e menos de 1 ano	20.50	8.52	15.97	13.46	6.92	22.27
1 a 3 anos	21.84	11.78	20.32	15.06	11.40	20.31
4 a 7 anos	26.89	23.47	30.91	31.01	23.95	27.52
8 a 10 anos	13.28	21.55	16.12	17.18	19.81	13.22
11 a 14 anos	12.16	26.61	12.87	17.61	28.23	11.41
15 anos ou mais	2.53	6.01	1.19	2.98	7.81	3.10
Não determinado	2.81	2.06	2.62	2.70	1.87	2.18

Fonte: Censos IBGE. 2000. Elaboração dos autores.

Os sem religião estão juntos com os católicos na faixa de 4 a 7 anos de estudo, e renda de 1 a 5 salários mínimos, possuindo o mais baixo índice de escolaridade, maior que o item ‘católicos’ (20.50%). Os evangélicos com nível superior (15 anos de estudo ou mais) estão presentes, em maior número, entre

os de missão (6.01%), ficando atrás, novamente, do item “outras religiões” (7.81%). Os pentecostais apresentam as menores porcentagens (1.19%) neste item, sendo o analfabetismo maior entre eles (15.97%) que entre os evangélicos de missão (8.52%).

Tabela 14 – Percentagens de pessoas de 10 anos ou mais de idade por religião e classe de rendimento nominal mensal (Ceará 2000)

Religião	Até 1 s.m.	De 1 a 5 s.m.	Mais de 5 s.m.	Sem rendimento
Católica	28.67	18.26	4.80	48.27
Evangélico de Missão	20.93	24.27	9.91	44.89
Evangélico Pentecostal	25.93	20.69	3.61	49.77
Outras Evangélicas	23.01	23.22	5.13	48.64
Outras Religiões	18.84	27.25	12.56	41.36
Sem religião	26.08	22.40	5.79	45.73
Sem declaração	24.13	11.07	4.62	60.18

Fonte: Censos IBGE. 2000. Salário mínimo (SM) utilizado: R\$ 151,00. A categoria “Sem rendimento” inclui as pessoas que receberam somente em benefícios. Elaboração dos autores.

Excluindo o item ‘sem rendimento’ – absoluto em todas as religiões –, nota-se que as maiores porcentagens situam-se na faixa de até 1 salário mínimo, perpassando os católicos, os evangélicos pentecostais, os sem religião e sem declaração. Já na faixa de >1 salário a 5 salários mínimos, estão os evangélicos de missão, os itens ‘outras evangélicas’ e ‘outras religiões’. E com mais de 5 salários, o percentual mais

elevado recai em ‘outras religiões’ (12.56%), seguido por evangélicos de missão (9.91%) e ‘sem religião’ (5.79%). Cruzando os dados de escolaridade com os de rendimentos, os evangélicos com maior capital cultural também são os que contam com maior capital econômico.

Já os dados quantitativos sobre religião e cor (Tabela 15), ao invés de contribuírem para a

compreensão do espaço social, turvam a leitura da realidade, uma vez que a cor ‘parda’ aparece como a da maioria da população católica e evangélica.

Tabela 15 - População segundo a religião, cor ou raça no Ceará em 2000

Religião	Branca		Preta		Amarela		Parda		Indígena	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Católica Romana	2.391.735	37.48	267.136	4.19	8.300	0.13	3.704.980	58.05	9864	0.15
Assembléia de Deus	118.083	38.33	10.800	3.51	406	0.13	178.172	57.83	620	0.20
IURD	23.897	36.73	1.573	2.42	60	0.09	39.422	60.58	117	0.18
Batista	28.119	47.16	1.206	2.02	98	0.16	30.062	50.42	136	0.23
Adventista	9.058	39.88	771	3.39	39	0.17	12.822	56.45	23	0.10
Congregação Cristã	8.303	39.07	531	2.50	16	0.08	12.385	58.28	16	0.08
Deus é Amor	5.810	32.51	588	3.29	12	0.07	11.393	63.74	71	0.40
Presbiteriana	8.232	46.98	380	2.17	95	0.54	8.748	49.93	67	0.38
E. Quadrangular	4.976	37.97	365	2.79	09	0.07	7.749	59.13	05	0.04
Metodista	440	28.26	08	0.51	-	0.00	1.109	71.23	-	0.00
Luterana	387	73.30	05	0.95	-	0.00	136	25.76	-	0.00
Outras Evangélicas	47.038	42.06	3.669	3.28	284	0.25	60.470	54.08	365	0.33
Outras religiões	35.212	42.18	2.336	2.80	42	0.05	45.642	54.67	255	0.31
Sem religião	94.164	33.82	15.946	5.73	717	0.26	166.921	59.95	689	0.25
Outras Declarações¹	5.471	25.53	466	2.17	53	0.25	15.391	71.81	51	0.24
Total Geral	2.770.560	37.58	305279	4.14	10373	0.14	4274359	57.97	12198	0.17
Total Evangélicos	246.040	3.34	19.896	0.27	1.019	0.01	362.468	4.92	1.420	0.02

Fonte: Censos IBGE. (1) “Outras Declarações” incluem: “Não determinadas e Sem declaração” (2000). Elaboração dos autores.

O que as 4.274.359 pessoas quiseram dizer com isso nos remete à bem conhecida querela sobre o negro e a negritude cearense, esta “escondida sob a morenice, a brejerice, a sensualidade da cor”, onde o que se contrapõe ao “galego” é o “moreno” (FUNES, 2004: 132). Diante da ‘suspeita’ – que não é só nossa –, deve-se trabalhar os dados de religião e cor, tanto separadamente como reunindo em ‘pessoas brancas’ e ‘não-brancas’³¹. No segundo caso, a maior igreja evangélica do Ceará, Assembléia de Deus, possui 38.33% de pessoas brancas (118.083) e 61,67% de não-brancas (189.998), seguida pela IURD com 36.73% de pessoas brancas (23.897) e 63.27% de não brancas (41.172). Os números mais equilibrados estão dentre os batistas, com 47.16% de brancos (28.119) e

52.83% de não-brancos (31.502). Já no primeiro caso, entre os católicos, os pardos são 58.05% (3.704.980) e entre os evangélicos, 4.92% (362.468). A cor branca foi a segunda opção mais declarada entre as igrejas evangélicas com 3,34% (246.040), e a amarela a menos declarada com 0.01% (1.019 pessoas). Apenas 0.27% dos evangélicos (19.896) declararam-se negros. Tomada individualmente, a igreja evangélica metodista tem a menor presença de adeptos de cor preta (0.51%), seguida pelos luteranos (0.95%). Já a Assembleia de Deus, depois do catolicismo, é a igreja evangélica cearense que melhor ‘atravessa todas as cores da sociedade’. Em números absolutos, a Assembléia de Deus possui mais adeptos de cor preta (10.800) que o conjunto das demais igrejas evangélicas,

sendo um pouco menor que os sem religião (15.946). A IURD é a segunda maior evangélica em adeptos de cor negra, com 2,42% (1.573), seguida pelos batistas.

6. À guisa de conclusão, aguardando os resultados do Censo de 2010

Se traçarmos um pequeno sumário dos achados deste estudo sobre os evangélicos cearenses nos censos demográficos, as assertivas serão: que a Região Metropolitana de Fortaleza e o Litoral Norte concentram boa parte dos evangélicos; que a maioria dos evangélicos pertence a igrejas pentecostais; que são, sutilmente, formados mais por mulheres que por homens; que são de maioria parda ou de 'não-brancos'; e que quase a metade não possui rendimentos nominais e o restante ganha entre >1 e 5 salários mínimos. Cruzando os dados de cor, raça e rendimentos, encontramos o trinômio 'não-brancos', um salário mínimo e igrejas pentecostais. Além disso, a Assembleia de Deus é a maior igreja evangélica cearense e os batistas constituem a igreja de missão que conseguiu manter taxa média de incremento só abaixo dos pentecostais. No outro extremo, os luteranos parecem dar sinais de esgotamento com uma taxa negativa, no Censo de 2000.

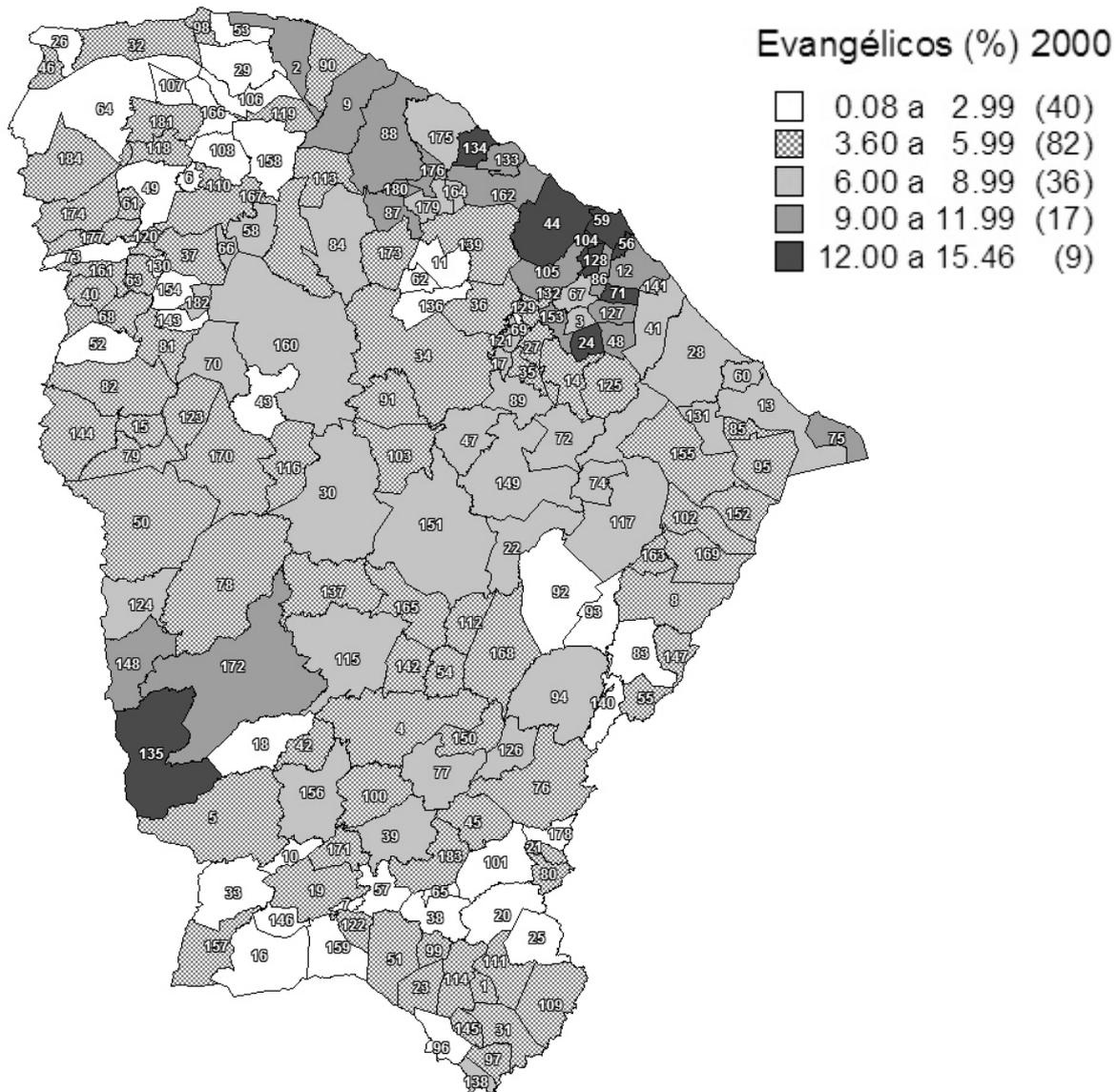
Em médio prazo, o catolicismo cearense permanecerá demograficamente majoritário e culturalmente hegemônico, mesmo que nos próximos censos cresça a taxas de apenas 2% ou 3%. A alta porcentagem demográfica de católicos, a organização eficaz e a hegemonia cultural têm permitido que a Igreja católica não perca *mais* adeptos, mas não impedirá que ela continue perdendo adeptos para as igrejas evangélicas – principalmente pentecostais – e para o item 'sem religião'. A questão é saber qual a velocidade e se a Renovação Carismática católica no Ceará conterà o

declínio do catolicismo. Conforme o IBGE, em 2010 a população brasileira será de 193.252.604 habitantes. Neste ano, os católicos serão aproximadamente 142.175.941, se mantida a mesma porcentagem encontrada no Censo de 2000. Porém, usando a taxa média geométrica decenal do período 1991-2000, haverá no Brasil em 2010 aproximadamente 136.053.372 católicos, isto é, 70,40% da população.

Já as análises que apontam o Ceará como um dos estados com menor presença de evangélicos do Brasil, devem ser entendidas menos como incapacidade de disputa pelo mercado religioso e mais pela conjunção dos fatores sócio-históricos apontados. Desde 1940, as taxas médias de evangélicos continuam crescendo, mas não se fazem sentir visualmente no total dos números absolutos. Taxas que são resultado do desenvolvimento desigual e combinado do trabalho evangélico pelo Brasil. Historicamente, o trabalho evangélico foi desigual entre as regiões, estados, igrejas e combinado devido às trocas de experiências de trabalho no circuito religioso. Em outras palavras, o trabalho evangélico tanto não avança no mesmo ritmo histórico entre e nas regiões, estados e igrejas, como, ao mesmo tempo, permite que regiões, estados e igrejas, pouco avançados no proselitismo, tenham acesso ao capital religioso acumulado na totalidade do campo evangélico³².

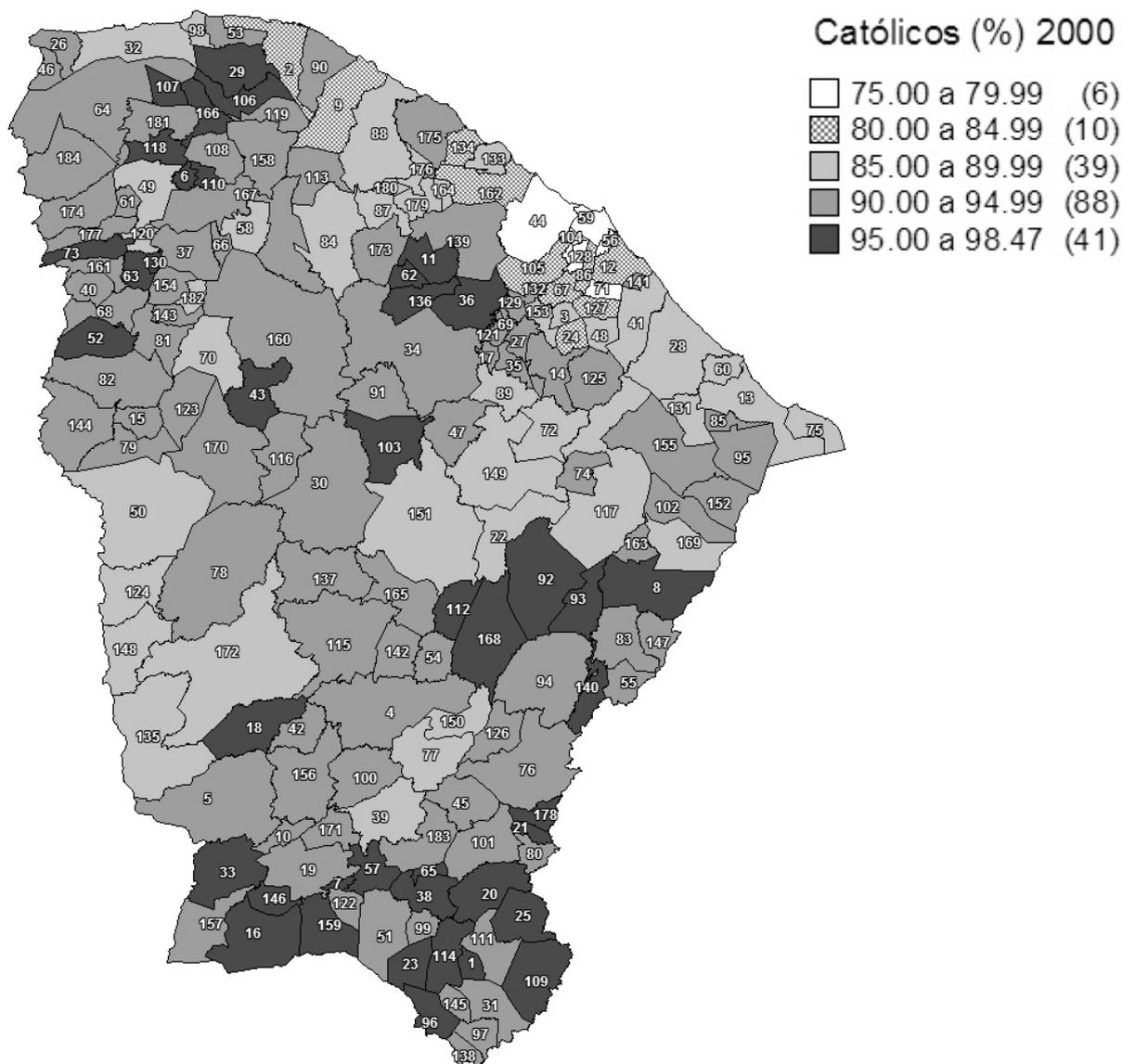
Enfim, depois desta prospecção entre porcentagens e números absolutos, resta-nos esperar o que virá.

Mapa 1 – Distribuição espacial da porcentagem de evangélicos (Ceará 2000)



As numerações nos mapas correspondem, igualmente, aos seguintes municípios: 1) Abaiara, 2) Acarape, 3) Acaraú, 4) Acopiara, 5) Aiuaíba, 6) Alcântaras, 7) Altaneira, 8) Alto Santo, 9) Amontada, 10) Antonina do Norte, 11) Apuiarés, 12) Aquiraz, 13) Aracati, 14) Aracoiaba, 15) Ararendá, 16) Araripe, 17) Aratuba, 18) Arneiroz, 19) Assaré, 20) Aurora, 21) Baixo, 22) Banabuiú, 23) Barbalha, 24) Barreira, 25) Barro, 26) Barroquinha, 27) Baturité, 28) Beberibe, 29) Bela Cruz, 30) Boa Viagem, 31) Brejo Santo, 32) Camocim, 33) Campos Sales, 34) Canindé, 35) Capistrano, 36) Caridade, 37) Cariré, 38) Caririáçu, 39) Cariús, 40) Carnaubal, 41) Cascavel, 42) Catarina, 43) Catunda, 44) Caucaia, 45) Cedro, 46) Chaval, 47) Choro, 48) Chorozinho, 49) Coreaú, 50) Crateús, 51) Crato, 52) Croata, 53) Cruz, 54) Deputado Irapuan Pinheiro, 55) Ererê, 56) Eusébio, 57) Farias Brito, 58) Forquilha, 59) Fortaleza, 60) Fortim, 61) Frecheirinha, 62) General Sampaio, 63) Graça, 64) Granja, 65) Granjeiro, 66) Groaíras, 67) Guaiúba, 68) Guaraciaba do Norte, 69) Guaramiranga, 70) Hidrolândia, 71) Horizonte, 72) Ibaretama, 73) Ibiapina, 74) Ibicuitinga, 75) Icapuí, 76) Icó, 77) Iguatu, CONTINUA.....

Mapa 2 - Distribuição da porcentagem de Católicos (Ceará 2000)



78) Independência, 79) Ipaoranga, 80) Ipaumirim, 81) Ipu, 82) Ipueiras, 83) Iracema, 84) Irauçuba, 85) Itaiçaba, 86) Itaitinga, 87) Itapagé, 88) Itapipoca, 89) Itapiúna, 90) Itarema, 91) Itatira, 92) Jaguaratama, 93) Jaguaribara, 94) Jaguaribe, 95) Jaguaruana, 96) Jardim, 97) Jati, 98) Jijoca de Jericoacoara, 99) Juazeiro do Norte, 100) Jucás, 101) Lavras da Mangabeira, 102) Limoeiro do Norte, 103) Madalena, 104) Maracanaú, 105) Maranguape, 106) Marco, 107) Martinópole, 108) Massapé, 109) Mauriti, 110) Meruoca, 111) Milagres, 112) Milha, 113) Miráima, 114) Missão Velha, 115) Mombaça, 116) Monsenhor Tabosa, 117) Morada Nova, 118) Moraujo, 119) Morrinhos, 120) Mucambo, 121) Mulungu, 122) Nova Olinda, 123) Nova Russas, 124) Novo Oriente, 125) Ocara, 126) Orós, 127) Pacajus, 128) Pacatuba, 129) Pacoti, 130) Pacujá, 131) Palhano, 132) Palmácia, 133) Paracuru, 134) Paraipaba, 135) Parambu, 136) Paramoti, 137) Pedra Branca, 138) Penaforte, 139) Pentecoste, 140) Pereiro, 141) Pindoretama, 142) Piquet Carneiro, 143) Pires Ferreira, 144) Poranga, 145) Porteiras, 146) Potengi, 147) Potiretama, 148) Quiterianópolis, 149) Quixadá, 150) Quixelô, 151) Quixeramobim, 152) Quixeré, 153) Redenção, 154) Reriutaba, 155) Russas, 156) Saboeiro, 157) Salitre, 158) Santana do Acaraú, 159) Santana do Cariri, 160) Santa Quitéria, 161) São Benedito, 162) São Gonçalo do Amarante, 163) São João do Jaguaribe, 164) São Luís do Curu, 165) Senador Pompeu, 166) Senador Sá, 167) Sobral, 168) Solonópole, 169) Tabuleiro do Norte, 170) Tamboril, 171) Tarrafas, 172) Tauá, 173) Tejuçuoca, 174) Tianguá, 175) Trairi, 176) Tururu, 177) Ubajara, 178) Umari, 179) Umirim, 180) Uruburetama, 181) Uruoca, 182) Varjota, 183) Várzea Alegre e 184) Viçosa do Ceará.

Notas

- 1 Nesse artigo, de título homônimo à canção de Chico Buarque, Pierucci chama de tradicionais religiões o catolicismo, o luteranismo e a umbanda.
- 2 Marcelo Camurça (2006) lembra que a pergunta ‘qual a sua religião ou culto’ foi respondida de trinta e cinco mil formas diferentes no Censo 2000. Para uma bibliografia sobre os novos movimentos religiosos, consultar: MAGNANI, José Guilherme, *O Brasil da Nova Era*. RJ: Zahar, 2000; SIQUEIRA, Deis, *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*. Brasília: Editora UNB, 2003; SOUZA, Beatriz Muniz de & MARTINO, Luís Mauro Sá, *Sociologia da religião e mudança social*. SP: Paulus, 2004 (parte III); MIRANDA, Julia, *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político*. RJ: Relume Dumará, 1999 e *Horizontes de Bruma: os limites questionados do religioso e do político*. SP: Maltese, 1995.
- 3 A chamada ‘secularização da sociedade’ foi menos o recuo da religião no espaço social nos últimos dois séculos que sua tensão com o projeto de modernidade. Se a esfera da intimidade era a fronteira em que a religião deveria ter sido depositada, a contemporaneidade proporciona um cenário diferente com o seu deslocamento para a esfera pública.
- 4 Uma aproximação mais sólida do campo religioso nacional só poderia ser elaborada com a criação de grupos em todo o Brasil que analisassem os números de cada um dos vinte e seis estados e do Distrito Federal. Exemplos a serem seguidos – as pesquisas de Ari Pedro Oro, *Avanço pentecostal e reação católica*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1996; de Rubem César Fernandes *et alli*, *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*, RJ: Mauad, 1998; e Cesar Romero Jacob *et alli*, *Atlas da filiação religiosa e marcadores sociais*, SP: PUC-Rio, Loyola, 2003 – partindo de diferentes caminhos metodológicos, foram triádicos, analisando as dimensões nacional, regional e local.
- 5 Na história dos censos demográficos, a metodologia de coleta e classificação do item “religião” mudou bastante. No recenseamento de 1872, a população foi dividida em apenas três categorias: “católicos romanos”, “positivistas” e “sem religião” ou de “religião não declarada”. Na Introdução ao censo de 1890, criticava-se a escolha da paróquia como base para o recenseamento, em virtude da separação entre Igreja e Estado “e o modo por que se faziam os registros de batizados, casamentos e óbitos” (Censo Brasil, 1890: p. V). A partir de 1900, as declarações sobre a opção religiosa foram suprimidas (como no Censo de 1920), agrupadas, reagrupadas e expandidas, de maneira que no Censo de 2000 existem quarenta e cinco religiões diferentes. Até 1950, a religião das crianças era atribuída à religião registrada para os pais, sempre que ambos declarassem “professar o mesmo credo”, o que só foi modificado a partir de 1960, quando a religião das crianças passou a ser registrada de acordo com a religião materna. Se levarmos em conta que em 1872 a faixa etária do zero aos nove anos representava, aproximadamente, 24% da população e em 2000 em torno de 19%, a distribuição religiosa no Brasil poderia apresentar uma outra configuração.
- 6 Como se perceberá as séries históricas dos dados são limitadas, exigindo a análise dos censos em acordo com as possibilidades. Como alerta Richard Graham (2008), na falta de dados seriais “podemos ser tentados a desistir da tentativa de quantificar. Isto seria um erro. Mas esta falta de séries apenas requer a diminuição de nossas expectativas e concentração no factível, o que às vezes significa fazer nada mais do que contar”.
- 7 Os anos em que as igrejas citadas neste artigo iniciaram permanentemente suas atividades foram: luteranos (1824), presbiterianos (1862), batistas (1882), adventistas (1896), Assembleia de Deus (1911), Congregação Cristão no Brasil (1910), Deus é Amor (1962), Quadrangular (1951 ou 1953), IURD (1977). Para uma pequena introdução à história do protestantismo, ver: REILY, Duncan Alexander, *História documental do protestantismo no Brasil*, SP: ASTE, 1993. ROLIM, Francisco Cartaxo, *O que é pentecostalismo*, SP: Brasiliense, 1987. MAFRA, Clara, *Os evangélicos*. RJ: Zahar, 2001. MENDONÇA, Antônio Gouvêa de & VELASQUES Filho, Prócoro, *Introdução ao protestantismo no Brasil*, SP: Loyola, 1990. MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.); SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, SP: Companhia das Letras, 1998.
- 8 No Ceará, os presbiterianos De Lacy e Mary Wardlaw lideraram a única missão protestante do século XIX. Três décadas depois, foi organizada a Assembleia de Deus (1914), seguida pelos batistas (1908 e/ou 1924). Sobre os evangélicos no Ceará, ver: OLIVEIRA, Gledson Ribeiro, ‘Os filhos de Lutero’: atores protestantes na província cearense no século XIX. *Trajetos* - Revista de História, Fortaleza, v. 2, n.3, p. 31-54, 2002 e Paidéia: a formação da reta doutrina protestante no Ceará. *Estudos de História* – UNESP. V. 13, p. 149-177, 2006; BARBOSA, Luís Gomes. *Pentecostais do Ceará: uma odisséia de pioneiros*. Fortaleza: Expressão Gráfica, s/d; CONDE, Emílio. O fogo pentecostal incendeia o Ceará. In: *História das Assembleias de Deus no Brasil*, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000, p. 99-113; CORTEZ, Natanael. *O presbiterianismo no Norte do Brasil – fase pioneira (síntese)*, Recife: s/ed. 1957; NOGUEIRA, Raimundo Frota de Sá. *Os Batistas no Ceará*, Fortaleza:

- Setor Gráfico do Colégio Batista Santos Dumont, 2003; QUEIROZ, Carlos P. As faces de um mito: a fascinante história de um cabra de Deus na terra do sol. Brasília: MZ Produções, 1999; SOUZA, Robério Américo. Natanael Cortez. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 28-30.
- 9 Em 1872, eram 40 positivistas, já em 1890 havia 62. Fonte: IBGE - Censo de 1940: Estado do Ceará, p. 01.
 - 10 Os números absolutos dos evangélicos no Ceará são: 1872 (zero, 0.00%), 1890 (526, 0.07%), 1900 (593, 0.07%), 1940 (6.794, 0.32%), 1950 (19.160, 0.71%), 1960 (29.745, 0.90%), 1970 (69.083, 1.58%), 1980 (169.069, 2.07%), 1991 (252.133, 3.95%), 2000 (612.847, 8.25%). Fonte: IBGE - Censo Demográfico Ceará.
 - 11 Mesmo após o Decreto Imperial de 17 de abril de 1863 que sancionou o casamento civil, a construção de casas de culto acatólico e a separação de espaços físicos nas capitais para inumações protestantes, as práticas e crenças de anglicanos e luteranos no Ceará oitocentista continuaram um mero apêndice de seus negócios no comércio local não sendo raras as 'conversões' destes ao catolicismo.
 - 12 Como lembra Flávio Pierucci (2004), a sociologia da religião no Brasil tem sido uma "sociologia do catolicismo em declínio".
 - 13 Elaborando um 'G-8' do catolicismo em declínio e tomando por base apenas o último censo, os estados do Rio de Janeiro (57.2%), Rondônia (57,5%) e Espírito Santo (60,9%) despontam com as menores porcentagens destes, seguidos pelos estados do Acre, Amazonas, São Paulo, Mato Grosso e Pernambuco.
 - 14 Poderíamos também falar de um outro declínio, o das religiões afro-brasileiras, um dos alvos do agressivo e sincrético proselitismo neopentecostal.
 - 15 A expressão "trânsito religioso" significa o deslocamento do indivíduo por diversas religiões sem aderir, necessariamente, a nenhuma delas.
 - 16 É sempre bom lembrar que 'sem religião' não é sinônimo de 'ateu', apesar deste ser parte daquele grupo. O indivíduo sem religião pode ser aquele que está em trânsito, experimentando variadas modalidades do sagrado, sem converter-se a nenhuma; aquele que vive autonomamente sua religiosidade, elaborando e reelaborando suas próprias crenças, ou o agnóstico.
 - 17 Estratégias como: organização precoce, parceria com igrejas norte-americanas, criação de jornais e uso de rádio e TV, fundação de colégios e hospitais, pregações públicas e mega-cultos em estádios de futebol e ginásios, marchas e campanhas evangelistas, participação nos governos militares, aproximação com movimentos sociais e ecumênicos, ação social. Francamente voltados à pesquisa do fenômeno pentecostal,
 - os sociólogos das religiões ainda não analisaram a fundo qual o papel das igrejas presbiterianas, batistas, metodistas etc. na expansão evangélica no século XX.
 - 18 Referimo-nos a: lideranças carismáticas, pregação junto às camadas baixas e médias, cruzadas nacionais, formação de impérios comunicacionais, curas e exorcismos, liberalização de costumes, livre interpretação da Bíblia, sincretismo religioso, administração do sagrado em 'igrejas-empresa', disputa de cargos eletivos, etc.
 - 19 Para o padre Alberto Antoniazzi (2004), o crescimento evangélico, dos sem religião e das outras religiões, com a consequente diminuição da porcentagem de católicos, tem a ver com o rápido crescimento populacional e a lentidão da ação pastoral.
 - 20 No Censo de 1991, o estado do Ceará aparece com o maior número de católicos, entre os estados do Brasil.
 - 20 Para nós, essa é uma imagem bem adequada ao pentecostalismo. Se, para Adam Smith, o 'mercado' é a instituição perfeita e o princípio-eixo que deve mover e controlar toda sociedade baseada no lucro, o Espírito Santo é a 'mão invisível' que guia e dinamiza as práticas e crenças pentecostais no campo religioso. Uma representação social por excelência que norteia o agir religioso dos crentes.
 - 21 Optamos por manter a classificação dada pelo IBGE no censo de 2000. Os evangélicos de missão são os 'protestantes históricos', incluindo os luteranos e a Igreja Adventista do Sétimo Dia, e os evangélicos pentecostais as igrejas de 'primeira', 'segunda' e 'terceira' onda da tipologia de Paul Freston.
 - 22 Para Ricardo Mariano (2004: 122-138), o crescimento negativo (- 0.4%) é uma falha no Censo de 1991: "não ocorreram mudanças significativas nas igrejas protestantes de uma década para outra que permitam explicar e justificar tamanha disparidade dos dados".
 - 23 Segundo Décio Lima (1989), os Adventistas são uma dissidência da Igreja Batista estadunidense. William Miller (1782-1849) anunciou a alguns batistas que o Cristo voltaria em 1843 (milénarismo). O fracasso de sua profecia amainou os ânimos adventistas que só voltaram a se organizar definitivamente em 1860 sob a liderança teológica e eclesial da ex-metodista Ellen G. White (1827-1915). A primeira igreja Adventista foi organizada em 1898 em Gaspar Alto, Santa Catarina. São conhecidos pela sua inserção nos setores educacionais, de saúde e mídia.
 - 24 Como lembra Júlia Miranda (2008: 165-184), "No modelo ternário há forte presença de católicos no município central, redução na periferia próxima e aumento em direção à periferia mais distante. O modelo binário implica em menores percentuais de católicos no centro e maiores na periferia."
 - 25 Como explicam os autores do *Atlas da filiação religiosa*

(2003: 131), “A taxa de urbanização expressa o número de pessoas por 100 habitantes cujo domicílio é situado na zona urbana”. Contudo, pergunta-se: como se definem os limites da zona urbana e da zona rural? Lembremos que hoje já se fala de zonas rururbanas.

- 26 Em 1912, Antônio Almeida escreveu sobre o fato de Garanhuns (no agreste pernambucano) ter sido elevado a centro irradiador do presbiterianismo do Nordeste, e não a capital, Recife: “(...) entretanto, não nos devemos esquecer da importância da evangelização das cidades (...) Se, pois, temos errado, é onde deixamos os centros donde poderia o Evangelho irradiar ao redor, e vamos começar ou mesmo centralizar no mato – na roça a nossa principal atividade cristã. (...) Os batistas, porém, centralizaram-se no Recife, mantendo aqui escola e seminário e daqui evangelizando o interior do estado. O resultado é que eles têm no Recife a maior igreja, nos subúrbios diversas igrejas prósperas, mantêm um importante colégio e uma escola teológica anexa e possuem pelo interior do estado maior número de igrejas do que nós” (REILY, 2003: 275).
- 27 Numa análise que efetuamos de regressão linear, associando ‘percentual de população urbana’ e ‘percentual de evangélicos’, usando um intervalo de confiança de 95% e nível de significância de 0,05, o resultado foi um R^2 de 0,1538. De forma simples, poderíamos dizer que a variável independente (percentual de população urbana) ‘explica’ 15,38% da variabilidade da variável dependente (percentual de evangélicos), logo, os outros 84,62% seriam ‘explicados’ por outros fatores. A ‘significância’ do teste foi de 0,023, menor que o valor adotado ($0,023 < 0,05$); quer dizer, a urbanização explica a variação – positiva – de evangélicos. Associando o percentual de população urbana e percentual de católicos, o resultado foi um R^2 de 0,2401. Isto é, a variável independente ‘explica’ 24,01% da variável dependente, sendo que 75,99% seriam explicados por outros fatores. O intervalo de confiança do teste foi de 0,000, menor que o valor adotado ($0,000 < 0,05$), o que significa dizer que a urbanização ‘explica’ a variação – negativa – de católicos.
- 28 Na pesquisa coordenada por Rubem César Fernandes, no Grande Rio de Janeiro, o maior número de mulheres que de homens foi explicado por esse padrão relacional de gênero. Entretanto, é sempre bom lembrar que no Brasil há mais mulheres do que homens.
- 29 Sobre a relação entre gênero feminino e protestantismo durante a Reforma, ver Davis, 1990: 63-86.
- 30 Seguimos aqui a metodologia do Atlas da filiação religiosa.
- 31 Sim, o que chamamos de crescimento desigual e combinado é derivado e elaborado a partir da noção de “desenvolvimento desigual e combinado” de Leon Trotski.

Referências bibliográficas

- ANTONIAZZI, Alberto. (2004). *Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?* São Paulo: Paulus, 2004.
- BERGER, Peter. (1996). *Rumor de anjos – a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (2004) “Fronteira da fé - alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil hoje”. In *Estudos Avançados*, São Paulo, 18 (52).
- CAMURÇA, Marcelo (2006). “A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE – 2000”. In TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil – continuidades e rupturas*. Petrópolis-RJ, Vozes.
- CAMARGO, Cândido Procópio F de. (1973) *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- DAVIS, Natalie Zemon (1990). *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HERVIEU-LÉRGER, Danièle (2005). *La religion, hilo de memória*. Barcelona: Herder.
- JACOB, Cesar Romero (et alli). (2003). *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. São Paulo: PUC-Rio / Loyola.
- LIMA, Delcio Monteiro de. (1989). *Os demônios descem do Norte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- LOPES Jr., Orivaldo P. (1999). “A conversão do protestantismo no Nordeste do Brasil”. In revista *Lusotopie*, Lisboa: 291-308.
- MARIANO, Ricardo. (2004). “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da igreja pentecostal”. In *Estudos Avançados*. São Paulo, 18 (52): 122-138.
- MIRANDA, Julia. (1995). *Horizontes de Bruma: os limites questionados do religioso e do político*. São Paulo: Maltese.

_____. (2008) “Os católicos e a construção do poder na cidade dos homens - religião e espaço público em Fortaleza” In HEREDIA, Beatriz. (org.). *Continuidades e rupturas na política cearense: pesquisando atores da política cearense*. Campinas-SP: Pontes.

MONTES, Maria Lucia (1998). “As figuras do sagrado”: entre o público e o privado. In NOVAIS, Fernando A. (coord.); SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras.

ORO, Ari Pedro (1996). *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis-RJ: Vozes.

PIERUCCI, A. Flávio (2004a). “Secularização e declínio do catolicismo”. In SOUZA, Beatriz Muniz de & MARTINO, Luís Mauro Sá. *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus.

PIERUCCI, A. Flávio (2004b). “Bye bye, Brasil - o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000”. In *Estudos Avançados*, São Paulo, volume 52, Nº 18: 17-28.

REILY, Duncan (2003). *História documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE.

SANCHIS, Pierre (1997). “A religião dos brasileiros”. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2: 28-43.

SOUZA, Beatriz Muniz de & MARTINO, Luís Mauro Sá (2004). *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus.

(Recebido para publicação em janeiro de 2011. Aceito em março/11).